



Inflexibilidade, rigidez, unidade e tristeza: uma visão contemporânea dos professores sobre a escola.

Autor (1) César da Silva Ferreira; Co-autor (1) Nayhara Gabriela Lopes Bezerra; Orientador (1) Prof^a Dr^a Ofélia Maria de Barros

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB cezarferreira122009@gmail.com, Universidade Estadual da Paraíba-UEPB nayharagabriella@gmail.com, Universidade Estadual da Paraíba-UEPB ofelia.barros@hotmail.com.

Resumo do artigo: O presente texto tem como objetivo apresentar parte do trabalho de PIBIC-UEPB-2016\2017, orientado pela professora Dra. Ofélia Maria de Barros, intitulado: “A educação entristecida: a escola por seus protagonistas professores/as e alunos/as”. Se faz algumas observações referentes ao subprojeto: “escolas e currículo: o que pensa o/a professor/a”; procurando a partir da fala desses sujeitos compreender as relações entre estes/as, a escola, o currículo e os/as alunos/as. Partindo de uma perspectiva pós-estruturalista, fundamentada nas análises de Sandra Corazza e nas suas crítica ao modelo educacional vigente. Através da utilização da técnica pesquisa baseado na oralidade, a história oral, a análise será pautada no discurso dos professores e de suas relações com a escola, com os/as alunos/as e como o currículo. Foram entrevistados (a) 10 professores (as) que lecionam ou que já lecionaram, foi elaborado conforme o projeto se desenvolvia, um roteiro que serviu como instrumento de direção para as questões a serem levantadas. Foi estabelecido o diálogo as pesquisas do historiador Durval Muniz que vem dar formalidade para o trabalho com memória e história, utilizou-se de conceitos tais como: Memória individual; memória coletiva; memória histórica; história; e compreendendo que os interlocutores não trazem nenhuma verdade senão a sua, ou seja, que foi construída. Em síntese observasse que na atualidade os currículos são ainda fechados para discussões; professores que não estão satisfeitos veem a família desestruturada ora a culpa é dos alunos, ora da família, hora do próprio sistema de ensino.

Palavras-chave:, Currículo, Cotidiano, Educação, Memória,.



1) INTRODUÇÃO

“Essa questão de trabalhar por amor, é porque para conseguir suportar as condições de trabalho que a gente tem, tem que ser muito amor”
(Professora Manú, 07\2017)

As falas que vem de uma forma avulsa expressar os sentimentos e as condições para viver no ambiente cotidiano é precisamente o que devemos ouvir e apreender, diante disso é realmente preocupante a quantidade de ressentimentos presente no discurso onde convivemos com os professores que assim como professora Manu, tem muito a dizer e ensinar sobre a escola. Primeiro quando fala de fazer as coisas por amor, vemos que o amor vem dar sustentação para fazer uma coisa que não se realizam é um amor a uma causa, ser professor parece ser uma penitência da vocação e do amor.

Nesse trabalho examina-se os currículos escolares, primeiro será discutido porque estamos estudando essa questão no exato momento, depois veremos como o currículo é visto pelos protagonistas professores (as), partimos da premissa de uma educação entristecida, existe mesmo uma educação entristecida? Caso a resposta seja afirmativa: porque isso ocorre?

O presente trabalho que vem fazer uma releitura da instituição moderna denominada, escola, entendemos a escola-moderna-iluminista como um instrumento de poda onde os sujeitos são submetidos a cansativas horas de aulas teóricas que estão geralmente afastadas da realidade vivida pelos sujeitos integrantes da escola, Para além da discussão acadêmica sobre a falência deste modelo, uma das principais razões para a elaboração deste trabalho é o constante desconforto e os presentes relatos cotidianos onde os professores afirmam que a educação “não tem mais jeito”. Diante disso procuramos entender por que esse discurso é tão presente através dos próprios professores.

“ora, ora, todos os que trabalham com educação podemos dizer e inclusive, testemunhar que somos tristes, isto é , que, ao educar, predominam paixões tristes, forças relativas, ressentimentos e até mesmo, infelicidades. Todos podemos dizer que essa tristeza é do tipo grave, pesada, uma carga, já que nossas ações educativas julgam, medem, limitam, aniquilam a vida, sendo, em verdade, reações contra a vida vigorosa e exuberante.” (Corazza, 2005)

A escola enquanto instituição moderna tem uma função que é formação de indivíduos para viver em sociedade, propondo a unidade, o discurso da escola moderna com relação à diferença e geralmente a negação desta diferença.



Michel Foucault se refere aos sistemas disciplinares da seguinte forma:

“Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligências, falta de zelo), na maneira de ser (grosseria, desobediências), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes incorretas, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência).” (FOUCAULT, 2008)

Foucault quando vem fazer essa discussão do controle do corpo, onde as relações de poder não vão imantar de centros, embora as instituições sejam os lugares onde isso é mais visível, ele deixa claro que ali na forma institucionalizada do poder é apenas mais um lugar de poder, o poder que Foucault fala vai passa pelas outras formas de poder e ou superestrutura, o poder aqui é a vida cotidiana onde micro coisas geram micro penalidades. Não sei ao certo se pode ser chamado de micro, pois essa pequena correção vem muda profundamente as pessoas, sendo assim o poder não pode ser medido.

O que Foucault traz na passagem acima é a escola que estamos estudando aqui, uma escola que não tem lazer, atração, mas tem uma grade curricular fechado, onde a diferença só é falada quando conveniente.

METODOLOGIA

O projeto se deu inicialmente pela leitura e discussão de textos em um grupo fechado do projeto onde tínhamos uma programação de textos tais quais estes que utilizamos no presente texto: “Violar Memórias e Gestar a História: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um ‘parto difícil’” do Historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr., “A fecundidade da História Oral” de Etienne François, presente no livro “Usos & Abusos da História Oral” e “O currículo como fetiche: A poética e a política do texto curricular” de Tomaz Tadeu da Silva, Documentos de Identidade Uma introdução às teorias do currículo, tivemos contato também com a leitura de: “A escrita da história (CERTEAU, 2015)”, Vigiar e Punir (FOUCAULT, 2008), junto a orientadora Ofélia Maria de Barros em dias pré-estabelecidos.

Por meio da leitura que François aborda e com a orientação da orientadora ocorreu a criação de temas que seriam norteadores para abordar-se junto aos entrevistados, onde as entrevistas foram gravadas e ao fim digitalizadas.



A pesquisa foi realizada com 10 professores, não trabalhamos com escola específica, sendo assim os professores que participaram desse trabalho não tem contato profissional nenhum com exceção de dois professores que são colegas em uma escola, os professores variam de 1 ano de formação continuada à outros que tem 33 anos de carreira, temos professores que estão hoje em quatro cidades diferentes, que são Campina Grande-PB, Catolé do Rocha-PB, Mato Grosso-PB, Sousa-PB. Estes mesmo já passaram por várias escolas. Na realização da pesquisa foi elaborado um roteiro que avinhe-se direcionar a entrevista com os profissionais professores. No decorrer da pesquisa enfrentou-se muitas dificuldades, mais em relação ao tempo dos professores, dá para ver logo de início que são sobrecarregados, as abordagem para entrevistas se deram de diversas formas, de início pessoas mais próximas foram as primeiras a serem convocadas, e logo depois da terceira entrevista os professores foram surgindo, os comentários fizeram com que os últimos professores entrevistados fossem pessoas que queriam por vontade falar do cotidiano na sala de aula, A pesquisa com os professores iniciou em março de 2017 e foi finalizada em julho de 2017.

Durante a gravação logo de início foi informado que a entrevista seria gravada, e perguntamos se concordavam, os que concordaram, informamos que seria digitalizada e utilizada como documento, os que concordaram ficaram, aqui nós temos 10 professores falando mas estão por que querem falar, querem ser gravados falando e depois ter seu depoimento como documento, sendo assim na pesquisa tem mais de 20 professores falando em minhas memórias, pelo fato da nossa metodologia ter que se expandir no momento em que a professora dizia que não queria ser gravada, como uma pessoa séria, não podia deixar de falar com o professor só porque ele não queria ser gravado então a conversa aconteciam ali mesmo sem gravador. Optou-se em não revelar os nomes, para preservar as identidades públicas e cotidianas.

Logo a pós a coleta dos dados foi feito uma análise as entrevistas, procurando entender o que os professores e alunos falaram da instituição escolar, procuramos aqui ver a relação que as escolas e os currículos tem em comum com as ideias inflexíveis de educação que vem do projeto de modernidade que grita no brasil desde a nova época no início do século XX.

Para estudar o conceito de memória, trabalhamos com a conceitualização de Durval Muniz, onde a memória é colocada em análise, as memórias dos professores e alunos reproduzida a partir de suas falas vão ser aqui violadas, estão cobertas de análise sendo assim,



segundo Muniz (1996) vão deixar de ser memória e passar a ser história.

Ao final das conversas era pedido para que cada um dos entrevistados falasse sobre como eles enxergam a escola em seu momento presente e como eles desejariam que essa escola realmente atuasse qual o modelo perfeito para eles.

Resultados e discussão

Currículos fechados para discussão “um lugar triste”.

Ao longo das nossas entrevistas quando convocadas memórias com relação ao currículo, foram comuns respostas como a da professora Joana Barreto: “não sei o que é que eles querem, sei que não é isso que a gente tá dando que eles querem não”, essa inquietação que a professora Joana têm, está, presente no cotidiano da escola, os professores vivem em um ambiente de crise deste a muito tempo, essa inquietação é uma coisa comum entre os professores, nada de extraordinário.

O discurso que os professores tem sobre o currículo é um discurso de tristeza, mesmo aqueles que de forma cordial veem se referir a uma escola sem problemas que foi um caso que apareceu, bom esses que não veem como estão os currículos, são os que estão confortáveis em seu lugar, coincidentemente foi aluno da dita escola quando criança, e antes das aulas rezávamos, não tínhamos conhecimento de história ou geografia, as disciplinas existiam no entanto as respostas eram decoradas, não existia lazer era só português e matemática.

Quando se fala de currículo várias figuras passam pela mente dos professores, o currículo está diretamente ligado a escola, aos alunos, aos professores, e isso com relação aos professores vem ser visto como uma prisão, como algo que deve ser trabalhado pela escola e pela família, os discursos dos professores aqui estão subdivididas em correntes de pensamento teórico, o trabalho com as fontes nos direcionou para essa questão, temos professores que vem trazer um discurso existencialista, marxista, freiriano, até o pensamento pós estruturalista que convenientemente se evita, Silva (2010) se refere ao debate e conjectura sobre os currículos e as teorias da seguinte forma:

“Os mestres pensadores da metafísica econômica, querem reduzir o espaço do político e do social as escolhas permitidas pelo mercado; nós queremos, em troca, ampliar o espaço público e o do debate coletivo sobre o que significa uma “boa” sociedade e quais as melhores maneiras de alcançá-la. Os mestres pensadores da “nova” metafísica

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



educacional, os educadores e as educadoras do poder, os de sempre e os convertidos, quem circunscrever o conhecimento e o currículo a míticos valores do passado ou a “modernos” imperativos econômicos; nós queremos, em contraposição, colocar em questão aqueles valores e aqueles imperativos.” (SILVA, 2010)

No que se refere a tristeza dos professores estudamos a pesquisa da professora Sandra Corazza que no livro “uma vida de professor”, dialogando com Deleuze e Foucault, com o conceito de perfeição maior e perfeição menor, isso estaria ligado pela “existência” maior ou menor de forças que ao mesmo tempo que existem se neutralizam, “o aumento da potência de agir denomina-se[...], sentimento de alegria”(Corazza opus Deleuze, 2005) e “uma passagem a uma menor perfeição ou diminuição da potência de agir, tristeza” , CORAZZA(2005) em sua pesquisa faz um estudo dos modos de falar de agir, as formas nas quais nossas memórias são invocadas, aqui a memória se modifica, ela esconde, ela pode ser formada através de outras memórias que se confundem e acaba criando outros meandros confusos.

“Eles podem ter esperança de exorcizar a palavra demoníacas que lhes é soprada (por eles mesmos), substituindo-a (se tema humildade da linguagem) por uma outra palavra, bem mais calma”(CORAZZA, 2005)

No que se refere a essa diminuição da potência de agir de Deleuze que Corazza relaciona à tristeza, e que a partir desses conceitos vem trazer outro o de “afectos”; seguiremos o texto vendo uma pequena sequência de falas de dois professores dos dez que foram entrevistados, aqui as falas utilizadas são documentos gravados e digitalizados são falas:

-Aqui absolutamente não tem uma troca, o pai joga o menino lá, eles empurram conhecimento e pronto, não existe essa ligação, colocaram uma psicóloga agora e psicóloga num ambiente pedagógico é extremamente necessário[...]que eu nunca vi tanto aluno com problema sabe emocional, psicológico, porque eles não têm estrutura familiar. (Professora Katia 07\2017)

-Olha eu trabalhava já uns 6 anos na zona rural, (inaudível), eram 8, 9 alunos no sítio, ai chego aqui 25 aluno, uns cabinha bem impossível que você é querer ser quase nada, olhe você morre de trabalha, a tarde todinha, que você não tem muito rendimento não sabe, mas é assim chego em casa morta, ontem e hoje meu amigo, eu estou pela misericórdia, cansada. (Professora Alzira 06\2017).

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



No que se refere a fala a professora Katia assim como no da professora Joana que veio no início do texto, vemos uma escola que os alunos não querem ficar e um escola que os alunos não querem ficar e que por isso desenvolvem sérios problemas psicológicos, e na terceira, a professora Alzira temos a professora que está triste e muito estressada, fiz questão de destacar essa fala, pelo fato de que quando ela falou o trecho acima, eu não tinha perguntado ou puxado nenhuma discussão, essa fala foi assim que sentamos para conversar, eu ainda estava me organizando e a dita professora, me viu como um confessor como uma pessoa que podia ouvir o seu enfado com relação a escola.

Esse tipo de currículo que é presente no cotidiano dos professores, é o currículo fechado onde professor de inglês da aula de Inglês, onde a professora é vigiada pela coordenação, professora Nayhara diz:

EU: a coordenação não orientava para fazer essas discussões? (Me refiro da discussão das leis 10.639\03; 11.435\08, assim como discussões de gênero e sexualidade)

PROF. NAYHARA: não. Tem a coordenação, inclusive eles ficavam passando nas salas para saber o que você estava falando, sempre trocava essa ideia, <<deixe a porta aberta>>, para quando a gente possa ver o conteúdo que você está dando, porque se você fizer alguma besteira, que na opinião deles fosse besteira, chamava e dizia olhe evite fica falando certas coisas evite fala sobre isso que os pais não gostam, e então seja mais cauteloso nisso. (relato do dia 17\03\2017).

Os professores estão tristes por que então? Como se dar essa tristeza se a professora Adriana diz que tem uma escola quase perfeita o problema mesmo é a falta de interesse dos alunos, dá a entender que o problema é os alunos, ela seria perfeita sem alunos?, pois tem uma escola totalmente equipada “até losa digital”, no entanto os material didáticos não estão ajudando com interesses, sendo assim os alunos estão desmotivados com a escola e embora a professora saiba que a razão é a falta de interesses dos alunos com relação a escola ela também não sabe como resolver isso.

Professora Adriana : eu nem sei se cabe a gente discutir, **mas sempre no início do ano eu faço um diagnóstico com meus alunos, é procurando saber o que eles pensavam para a vida deles né, no sentido assim da vida escolar e a maioria deles, o que que a maioria diz ?: “ há não quero ser nada” , ai : “você vem para a escola para que ? ”, há, não sei porque é melhor que fica em casa, ai assim como é que a gente vai conseguir fazer diferença, como é que eu vou poder utilizar por exemplo é, um notebook como ferramenta de aprendizagem, se ele não está interessado naquilo que eu estou passando**



não vai ter serventia se o aluno, na minha opinião, o recurso ou o matéria que a gente for usar só vai fazer diferença quando o aluno estiver motivado a apreender, só se ele quiser.

A tão falada interdisciplinaridade parece não existir para além dos discursos dos textos dos autores das teorias da educação. Nessa pesquisa quando falamos em interdisciplinaridade tivemos várias formas faladas, temos escolas que por não terem uma estrutura como é o caso da professora Marta, ela diz que lá podia discutir com os alunos questões de gênero, questões políticas, e as aulas geralmente eram divertidas, sendo assim no caso da professora que tinha autonomia na escola, onde por ser na zona rural a vice-diretora só estava presente dois dias por semana, sendo assim a professora quem organizava seu currículo, só que as dificuldades desse lugar eram outras. Podia-se falar, porém a escola não tinha nenhum equipamento sem ser o quadro e a caneta, nessa escola tivemos boas discussões que ocorriam sem muitas tecnologias, se tivessem mais acessibilidade segundo ela teríamos melhor desempenho, a professora Manu tem todos os recursos, só que a escola como ela mesmo diz: “assim essa escola não trabalha com interdisciplinaridade”.

Sobre cotidianos diversos: Professora Manu e Professora Marta:

Eu: quais os materiais didáticos para você trabalhar com os alunos?

Prof. Marta: o único material didático que eu tinha era o livro, mas o que eu fazia? Eu levo temas recursos de outras fontes, que a escola não me oferecia, e também ela não me restringiu a isso.

Prof. Marta: não, porque o professor me deu o papel para me exercer, e a direção não tinha essa preocupação, não tinha que pegar no seu pé, para seguir ao pé da letra o currículo, então eu fiz de uma forma que na minha experiência, mas que eu sempre buscava a base na minha disciplina de história, foi aplicado boa parte dos conteúdos, infelizmente nem todos, mas outros temas que na escola não é abordado, e quando eu fui falar assim sobre a questão da história local, que é tão importante na zona rural, tão rica, e eles acharam interessante discutir, não tinham esse conhecimento, e o discernimento de conhecer essa história, e tem a questão também de incluir as histórias afro, e indígena também, eu incluí muito, pedi para eles fazerem pesquisas, sobre as religiões, afro-ameríndias, sobre a questão é dos rituais, a vida social, dos índios, que no livro rasteiramente fala, e eu pedi para que eles fizessem essas pesquisas, e apresentassem em seminários.

Prof. Manu: assim essa escola não trabalha com interdisciplinaridade, que tem que ter uma matéria de

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



alguma forma está ligada a outra, e como eu te disse professor de inglês só pode abordar o inglês, e o que me deixa muito travada, eu não posso chegar lá e já jogar um assunto de cara, mais sempre que vejo a oportunidade algum comentário de um aluno que dá brecha para levar alguma informação aí sim eu faço até porque ninguém é robô, não vou ficar lá apática sem trocar uma informação com o aluno ou quando eu vejo que é algo que eles realmente precisam, por não ter a conexão, eles não têm maturidade nenhuma e visão nenhuma de nada e aí sim eu levo para ver se eles conseguem acordar para o mundo, alguma discussão feminista ou alguma discussão histórica, até história mesmo infelizmente eu acho que alguns professores não abordam a história, por que história é encantador, as crianças poderiam ver de uma forma diferente que não é, aí sempre que dá eu uso um pedacinho da aula para compartilhar alguma coisa. Se possível sem que incomode muito as regras da escola, sem se afastar muito do tradicionalismo da escola, e bem limitado. (Entrevista: 27/07/2017 Profª. Manu)

Só que quando se trata de relações entre a escola e a família e comunidade escolar professora Manu, e professora Marta estão muito próximas:

EU: você acha que a escola está inteirada com o lugar? Como se dava esse vínculo entre escola comunidade, as questões culturais, e a própria história local, quando você foi falar sobre isso

Prof. Marta: a comunidade e a escola, e como... se nem tivesse esse tipo de relação, mas reuniões, haviam poucos pais, se apresentando, apesar de ser mais de cem alunos na escola, pouquíssimos pais se apresentavam e a sociedade não tinha uma certa importância, acho que ainda não tem, essa importância de mostrar e ter uma relação com a escola, para valorizar a própria cultura, e com relação a sua história. (25/05/2017 Profª Marta)

Manu tem uma experiência bem próxima:

Manu: ok, haa, em todas as escolas que eu trabalhei e eu acredito que é uma coisa que existe muito no Brasil, essa é a menor de todas que eu já trabalhei, essa a relação com a família dessa aqui é a menor, eu nunca vi uma escola que não fizesse reunião de pais, você não vê os professores sentando com os pais e conversando do desempenho de cada aluno, trocando uma ideia, tentando entender o cotidiano dos alunos, aqui absolutamente não tem uma troca, o pai joga o menino lá, eles empurram conhecimento e pronto, não existe essa ligação, colocaram uma psicóloga agora e psicóloga num ambiente pedagógico é extremamente necessário, e eles não tinham, essa ideia essa preocupação, mais de forma geral as famílias jogam para a escola uma responsabilidade de educar de instruir, que é além do que a gente pode oferecer, por que eles querem que os professores ou a escola sejam pais, sabe, eles se abstêm do dever deles de instruir, de educar de criar, então os pais hoje em dia estão ainda piores, eles colocam as crianças na escola, na natação é reforço.



Os professores não conseguem realmente ser professores como se pensa na universidade onde uma minoria sabe ser aluno, sendo assim quando chegam em escolas de diferentes tipos vão encontrar problemas em comum, aqui me refiro a questões tais como a ausência da família dos alunos, aqui não trabalhamos com pesquisa quantitativa porém a maioria das vezes que um professor confessava a “falta de comportamento e interesse dos alunos” os professores relacionavam isso a famílias desestruturadas, nessa pesquisa a professora Manú (pseudônimo de Alguém), e professora atualmente de uma escola de elite de uma determinada cidade, a nossa pesquisa teve que se expandir para o privado já que a discussão aqui é escola e currículo e já temos uma base nacional achei pertinente e foi essa uma das melhores fontes para o momento, já a professora marta é professora de uma escola rural de famílias muitos pobres, as problemáticas e os direcionamentos com relação a distância entre a comunidade escolar é a mesma, porém aqui não corremos o risco analítico de pensar que são pelas mesmas condições, esse é mais um tema que temos que estudar posteriormente.

Na escola não tem psicólogo, na escola não tem pedagogo, ou a diretoria nem vai, a vice vai umas duas ou três vezes por semana, falta comida, falta professor, restam conteúdos, os alunos desistem, os alunos não sabem o que querem, os professores deixam como a professora Alzira: “pela misericórdia de deus” a escola não deixa falar, a coordenação vigia, a porta da sala da professora Nayhara tinha que ficar aberta, para que as coordenadoras possam “ver o que estão passando para os alunos”, sendo assim vigiado. O professor pelo que percebe e pude interiorizar com todas essas falas está cheio de não conseguir “ser professor”, por que saber que a escola é muito desmantelada, lá não tem a metade da estrutura precária que as universidades têm, podemos pensar também que grande parte de professores querem fazer mestrado ou doutorado, por que sabem que com esses títulos podem estar mais confortáveis para trabalhar.

Considerações finais

Conclui-se assim, que a presente pesquisa de certo modo conseguiu alcançar seu principal objetivo, o de perceber a escola segundo seus protagonistas, professores/as, e ao ouvi-los/as compreender seus anseios, dúvidas, necessidades, reclamações. Todavia esse trabalho ainda bastante incipiente, apenas sinaliza no sentido do que desejamos realizar em termos de investigação acadêmica. Isto é, aprofundar a



análise e a compreensão da relação entre a escola e a sociedade no Brasil, mais especificamente na Paraíba.

No desenrolar da presente pesquisa constatamos uma escola cuja prática educacional efetivada no cotidiano não responde as demandas colocadas pelo público. Isto é, alunos e alunas lidam na sociedade com uma dinâmica pulsante marcada pela pluralidade de acontecimentos e informações, por tecnologias emergentes e interativas em contraposição a uma didática que mantém-se inalterada em grande medida, como professores insatisfeitos e poucos envolvidos com a mudança. Esse processo, por sua vez, confirma o pouco envolvimento dos alunos e a tristeza dos professores/as como diria Corazza (2005).

Referências:

_____. Foucault e educação: outros estudos foucaultianos. In: SILVA, T. T. (org.) **O Sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.225-246.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Violar Memórias e Gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um "parto difícil"**. Clio: Revista de pesquisa histórica, Recife, v. 15, p.39-52, jun. 1994. Biental.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

CHERRYHOLMES, Cleo. Currículo e Pragmatismo. In: PEREIRA, Maria Zuleide da Costa; GONSALVES, Elisa Pereira; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Currículo e contemporaneidade**: Questões emergentes. Campinas: Alínea, 2004. p. 31-35.

CORAZZA, Sandra Mara. **Uma vida de professora**. Ijuí: Editora Unijui, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 35. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

GALLO, Silvio. A Orquídea e a Vespa: transversalidade e currículo rizomático. In: PEREIRA, Maria Zuleide da Costa; GONSALVES, Elisa Pereira; CARVALHO, Maria



Eulina Pessoa de. **Currículo e contemporaniedade**. Campinas: Alínea, 2004. p. 37-50.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & Abusos da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. Cap. 2. p. 15-25.

NÓVOA, António. Currículo e Docência: a pessoa, a partilha, a prudência. In: PEREIRA, Maria Zuleide da Costa; GONSALVES, Elisa Pereira; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Currículo e contemporaniedade: Questões emergentes**. Campinas: Alínea, 2004. p. 17-29.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade Uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autentica 2010.